30-ex.
MUSEU NACIONAL
BIBLIOTECA

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE
RIO DE JANEIRO, RJ — BRASIL
ISSN 0080-3139

ANTROPOLOGIA N.º 45 04 DE NOVEMBRO DE 1983

NEGÓCIO E CAMPESINATO: UMA ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL

Marie France Garcia *

Em trabalho anterior [1] tentamos refletir sobre o lugar de uma praça de mercado, onde predomina a circulação de bens regida pelo princípio de mercado, numa forma social específica, a *plantation* (Wolf e Mintz, 1957), onde prevalece o princípio de redistribuição (Polanyi, 1957). Realizou-se um estudo de caso de feira situada dentro de uma *usina* da Zona da Mata em Pernambuco, onde a rede de *barracões* é um dos elementos fundamentais do sistema de redistribuição, que parece ser específico às relações entre trabalhadores e proprietários da *plantation* (Palmeira, 1971 a).

Tradicionalmente nessa área os moradores de engenho [2] eram abastecidos pelo proprietário, através de produtos adquiridos nos *barracões.* [3] As feiras estavam situadas no limite da Zona da Mata com o Agreste (região de policultura complementar à área canavieira) e freqüentadas basicamente por *senhores de engenho* para o abasteci-

* Aluna do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Professor-Assistente do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ.

Publicado com os recursos do Convênio 253-FINEP/UFRJ/Museu Nacional.

1 Garcia, 1977.

2 O *engenho* é a unidade de produção agrícola da agro-indústria açucareira. Existem tanto *engenhos* de fornecedores de cana (antigos senhores de engenho) quanto *engenhos* de *usina.* Estamos nos referindo a definição de Du Genestoux: "Na língua corrente, *usina* pode ter duas acepções: uma grande instalação industrial que provoca o nascimento de uma aglomeração, ou o enorme domínio de terra do qual ela se tornou dona para plantar sua cana" (Du Genestoux, 1967: 64).

3 Armazéns situados dentro dos *engenhos,* sendo propriedade do *senhor de engenho* ou de pessoa a ele ligada.

P
301.2
B23

mento dos *barracões*. Com as lutas sociais dos anos 50 e início dos anos 60 desencadeia-se a expulsão dos *moradores* dos *engenhos*, processo que se acelera com a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural (1963) e do Estatuto da Terra (1965). Os trabalhadores expulsos passam a morar nas *pontas de rua* [4] das cidades e a adquirir os bens necessários à sua reprodução através de trocas mercantis, basicamente através das feiras. As feiras da Zona da Mata começam então a crescer em importância (Palmeira, 1971 b). A supressão dos *sítios* e a diminuição dos *roçados* [5] assim como a presença dos trabalhadores nas cidades, sem terra para trabalhar, provocaram um aumento substancial da demanda nos produtos de subsistência, favorecendo o campesinato do Agreste e das áreas de engenhos decadentes, que passou a abastecer regularmente a Zona da Mata através das feiras desta região.

A hipótese inicial em relação às feiras de *usina* era de que a aparição dessas feiras fosse recente, e representasse uma penetração na *usina* dessa forma de circulação mercantil, simultânea ao processo de proletarização de uma parte dos trabalhadores da *plantation* e do encampesinamento da outra. Ao realizar este estudo, tinhamos em mente verificar qual era a combinação específica entre os dois princípios de circulação dos produtos, o mercantil e o de redistribuição, pelo exame das relações sociais existentes na praça de mercado e de sua relação com as relações próprias à *plantation*. Tratava-se de identificar como o caráter mercantil das relações sociais existentes nas feiras de *usina* se combinava com o caráter personalizado das relações específicas à *plantation*.

Neste trabalho anterior tentamos ressaltar o caráter de reunião social de diversos habitantes da *usina*, expresso na categoria *bacurau*

4 Nome dado localmente aos bairros que se formam nas periferias das cidades na Zona da Mata canavieira,e que são habitados pelos trabalhadores dos *engenhos*.

5 *Sítios* e *roçados* são plantações feitas pelo *morador* e sua família em lotes de terra concedidos pelo proprietário do *engenho*. Os produtos aí obtidos destinam-se à subsistência dos *moradores*, sejam eles auto-consumidos ou vendidos na feira ou no *barracão*. A diferença entre *sítios* e *roçados* reside no tipo de lavoura plantada, pois o que caracteriza o *sítio* são as árvores frutferas, que indicam uma relação duradoura com o patrão, enquanto o *roçado* é composto exclusivamente de lavouras de ciclo curto. As árvores de um *sítio* são consideradas *benfeitorias* para efeito da legislação pertinente, e como tais devem ser indenizadas caso o *morador* seja mandado embora da propriedade.

para designação específica dessa praça de mercado, e, como sugere mintz (1959), ver a feira como mecanismo de articulação social, analisando quais os agentes sociais em presença nessa praça de mercado e quais as relações que aí se estabelecem, e como essas relações reproduzem e transformam as relações existentes entre os agentes sociais a outros níveis que aqueles estabelecidos na praça de mercado. A feira é o dia e o lugar para o conjunto de habitantes da *usina* se reunirem, de tal maneira que, estando o resto do tempo isolados, eles encontram ali uma imagem de si mesmo. [6]

A feira seria também, conforme procuramos mostrar, um meio que permite aos pequenos produtores do Agreste lutar contra o processo de expropriação ao qual estão submetidos. Se por um lado esse campesinato vê a demanda por sua produção aumentar, ele vem se defrontando com a escassez crescente da terra, pois a expansão da criação de gado na área em que reside vem suprimindo as possibilidades de trabalho em terra alheia sob a forma de arrendamento (Garcia Jr., 1975). A atividade de compra e venda, o *negócio,* nessas feiras da Zona da Mata permite portanto a esse campesinato obter uma renda complementar ao *roçado* e se reproduzir enquanto pequeno produtor, já que a terra de propriedade desse grupo é insuficiente para a produção necessária a subsistência do grupo doméstico.

Se por um lado a feira articula grupos sociais diversos, a própria atividade mercantil é heterogênea. Existem várias maneiras de realizar transações mercantis na feira. Certas pessoas vão à feira para vender a sua própria produção *(levar para feira),* outras ao contrário praticam o *negócio,* quando compram para revender, e essas atividades, dependendo dos grupos sociais em jogo, podem ter vários significados. A oposição entre as atividades masculinas e femininas dentro das unidades domésticas camponesas se reproduz nos setores da feira mais caracteristicamente camponeses, adquirindo contudo uma forma específica. O espaço da feira é predominantemente masculino, quer se trate de atividade de compra ou venda. No entanto a mulher

6 Essa idéia de feira como elemento que permite a sociedade de ter uma imagem de si mesma foi ressaltada por Piault (1971) a propósito de sociedades africanas. Marc Piault mostra como pessoas pertencendo a linhagens, vivendo em localidades distintas, só conseguem ter uma concretização da imagem de linhagem no encontro da feira. No caso dos habitantes da *usina,* na reunião social ocasionada pela feira, o *morador* encontra todos os personagens que compõem o universo da *usina,* o *usineiro,* outros *moradores,* os *empregados* e os *operários,* e visualiza a totalidade onde ele setá inserido e o lugar ocupado por sua categoria nessa totalidade.

não deixa de participar das atividades da feira, nem das compras, nem das atividades de venda, sendo que nesse último caso, cabe assinalar que há setores em que a participação feminina se dá de uma maneira exclusiva (preparação e venda de comidas nos *bancos de café*). Quanto à nossa preocupação central, em saber como se dava essa confrontação feira/*barracão,* chegamos a conclusão que ao invés de se opor ao sistema de redistribuição dominante característico das relações *usineiro/morador* e às relações de dominação que lhe servem de suporte, a feira reforça de fato esta dominação. Em vez de encontrar somente as relações simétricas apontadas geralmente na literatura sobre feira, encontram-se as articulações entre o *usineiro* e seus dependentes que qualificam todas as relações em jogo na feira, em particular as relações mercantis. Não é apenas a presença do *barracão* na feira que permite ao *usineiro* um controle sobre as trocas mercantis que aí se desenrolam, mas a própria praça de mercado está impregnada pelo princípio de redistribuição. Vários aspectos do estudo ressaltam que tanto a praça de mercado em si como o direito de negociar assumem a forma de um dom do *usineiro.* Assim também a reunião dos trabalhadores da propriedade, constituída pela feira, sob a vigilância do *usineiro,* representa um acréscimo de controle deste sobre todos os demais em mais uma esfera de suas vidas (uma característica da *plantation* sendo a extensão da dominação do proprietário sobre a esfera de produção e de reprodução dos trabalhadores).

Vimos assim que o estudo das relações sociais numa praça de mercado determinada supõe o conhecimento do sistema social em que se insere, no caso, o sistema de *plantation* (Wolf e Mintz, 1957. Palmeira, 1971 a e Sigaud, 1971), e é isto que permite especificar o caráter da praça de mercado, o significado das trocas mercantis que ali se desenvolvem, e contribuir para o entendimento do próprio sistema social a elas subjacente.

AS FEIRAS DO BREJO PARAIBANO

No caso pernambucano, a feira de *usina* se apresentava como praticamente excluída de um circuito de feiras (pelo menos do circuito delineado na área canavieira). Nosso estudo, se bem que em muitos pontos procurasse uma comparação com a feira da cidade mais próxima (Palmeira, 1971 b), centrava-se na oposição feira/*barracão.* Por ocasião de uma nova pesquisa, realizada nos quadros do projeto "Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste", tivemos a possibilidade de estudar feiras de *usina* e feiras situadas em

cidades de área da *plantation canavieira,* da Paraíba, cujo processo de desenvolvimento parece ter sido diferente do processo ocorrido em Pernambuco. O nosso objetivo é de examinar o significado da feira para o campesinato livre e para os trabalhadores da *plantation* como variações no decorrer do processo de mudança da *plantation,* comparando o caso já estudado em Pernambuco e a situação do Brejo Paraibano. Uma das nossas preocupações mais imediatas é de entender como se manifestta o aspecto de dominação sobre o campesinato na esfera da circulação e especificamente qual o significado, deste ponto de vista, do desenvolvimento das feiras. Nesse ponto podemos nos interrogar sobre a natureza do "mercado camponês", uma vez que ele está sempre inserido num sistema dominante (sistema de *plantation,* ou sistema capitalista por exemplo).

O Brejo da Paraíba é constituído por uma região canavieira, onde as *usinas* estão crescendo e concentrando terra, e de uma região de campesinato mais estabelecido, cuja origem advém por um lado da decadência dos engenhos, e por outro do racionamento de grandes propriedades que no passado produziam algodão e criavam gado.[7] À diferença de Pernambuco, os *engenhos* do Brejo não produziam em só cana de açúcar, mas outras culturas comerciais, tais como o café (começo do século) e o agave (década de 50), de tal maneira que se chamava *engenho* uma propriedade onde se moía cana, podendo ser coberta em grande parte por outros produtos, dependendo das flutuações de preço das culturas no mercado (o preço do agave por exemplo, até os anos sessenta tornava esta cultura altamente rentável).

Enquanto as feiras da área da cana em Pernambuco pareciam ser pequenas no passado e de pouca relevância no abastecimento dos moradores da *plantation,* as feiras do Brejo da Paraíba existem há muito tempo e têm sido importantes. Os *engenhos* aí não fabricavam açúcar, mas rapadura que era em grande parte comercializada nas feiras, diferentemente do açúcar que sempre é comercializado através de um circuito estranho à feira. O agave e o algodão, culturas realizadas nas grandes propriedades, eram em grande parte também comercializados nas feiras. Também o sistema de *barracões* no Brejo não parece ter tido o mesmo vigor que em Pernambuco. Esse conjunto de fatores foi responsável pela importância das feiras, que no passado tinham um volume de transações e ocupavam a praça principal das cidades (Horácio de Almeida, 1957. José Américo de Almeida, 1976).

---

7 Uma pesquisa sobre esse campesinato está sendo realizada por Afrânio Garcia Junior.

Com a aparição das *usinas*, diminuiu a produção de rapadura e aumentou a produção de açúcar, produto que, como já vimos, não é comercializado nas feiras. A produção do agave por sua vez diminuiu de maneira considerável (praticamente deixou de ser produzido na área do Brejo depois dos anos 60, o preço no mercado tendo baixado significativamente). Este processo se deu de tal maneira que o circuito de feiras mais dinâmico deixou de ser aquele que era dominado pelos senhores de *engenho* e grandes proprietários, para ser um circuito onde se encontra basicamente o campesinato oriundo tanto da partilha dos engenhos e de sua decadência, quanto da fragmentação de grandes propriedades de gado e algodão (o município de Remigio onde existe uma feira importante hoje em dia, era uma fazenda no século passado). As feiras importantes no passado como a de Areia, Bananeira, Serraria, Alagoa Grande, áreas de engenhos, perderam a sua importância enquanto as feiras de Remigio, Solanêa, Arará, áreas de pequenas propriedades, cresceram, e significativamente esses quatro últimos lugares que eram distritos de Areia, Bananeira, Serraria e Alagoa se tornaram recentemente municípios de importância crescente. Na área canavieira só se encontravam feiras de consumo [8] de importância limitada (Alagoa Grande, Alagoinha e Serraria) que excluem enquanto vendedores os trabalhadores da cana. Uma das *úsinas* existentes no Brejo possui uma feira. A sua observação em alguns pontos confirmou as hipóteses desenvolvidas em relação à feira de *usina* da Zona da Mata de Pernambuco: a feira se apresenta como um espaço dominado pelo *usineiro* através, nesse caso, do chefe de campo [9]: ali não vigora nem a legislação municipal (cobrança de impostos sobre a exposição de produtos, utilização de medidas autorizadas pela Prefeitura) nem a autoridade pública: a ordem na feira é assegurada não pelas autoridades da Polícia mas pelo chefe de campo. Outros aspectos ao contrário diferem da feira observada em Pernambuco. A feira começou quando acabou o *barracão*. Ou seja foi o *usineiro* mesmo que tomou a iniciativa da substituição. À diferença de Pernambuco também, nenhum trabalhador da *usina* vende na feira. Todos os vendedores são intermediários ou pequenos proprietários que vêm de fora.

8 Shepard Forman define a feira de consumo como "a rural market place in which goods and services are distributed in areas of poor access among rural populations with limited capital. Each feira is a cyclical market which meets once a week, the day depending largely upon the primary economic activity in the area it serves (Forman, 1975: 95).

9 Primeira autoridade abaixo do *usineiro* na parte agrícola da *usina*.

O campesinato que surge da decadência das grandes plantações e o campesinato já existente na parte do Agreste [10], ambos em processo de ascensão, parecem estar dominando as feiras, excluindo o campesinato mais pobre. Os trabalhadores da cana de açúcar, os pequenos proprietários ou *meeiros* cuja exploração é tão exígua que são obrigados a vender a sua força de trabalho como diaristas, os *trabalhadores alugados,* não participam da feira enquanto vendedores. Dessa maneira, as feiras, em vez de se tornarem uma alternativa para este campesinato mais pobre, e também para o campesinato totalmente expropriado, possibilitando a obtenção de uma renda mínima para se reproduzir, parecem ao contrário favorecer apenas o campesinato mais bem estabelecido. Graças às suas atividades mercantis, o campesinato mais bem estabelecido pode se reproduzir enquanto tal, como também realizar uma certa acumulação e inclusive submeter o campesinato mais pobre ao *trabalho alugado* (uma das grandes vantagens das atividades mercantis apontada é a possibilidade de, com a sua renda, poder contratar trabalhadores para o trabalho agrícola).

Nesse caso, a feira em vez de constituir um elemento de socialização da pobreza, torna-se um elemento de diferenciação do campesinato, sendo que é através do *negócio* conjugado com outros elementos, que se dá a diferenciação. Um dos elementos dessa dominação das feiras pelo campesinato mais estabelecido seria o peso que ele tem na política local, através do qual consegue reforçar a sua posição: por exemplo, a concessão de *pontos* (locais de venda) pode ser limitada, ou ainda pode haver legislação sobre o imposto a cobrar facilitando ou não os pequenos produtores, ou ainda a aplicação de leis estaduais ou federais como a lei dos pesos e das medidas. A aplicação dessa lei, aparentemente técnica, tem repercussões sobre a composição dos vendedores: substituindo um instrumento barato (a cuia ou o litro) por um instrumento relativamente caro, a balança, ela se torna uma proibição para os pequenos produtores retalharem os seus próprios produtos.

Foi identificado um circuito de feira: Areia, Remigio, Arara, Pocinhos e Barra de Santa Rosa. Tentou-se ver os grupos sociais que participam da feira enquanto vendedores e compradores e localizar quais grupos eram excluídos, e uma vez delimitados os grupos e as

10 O campesinato mais estabelecido pertence tanto ao Brejo como ao Agreste. Essa região faz corpo com a primeira por ser uma região complementar à primeira (produção de bens de subsistência) e pertencer politicamente à região do Brejo: eram distritos de município do Brejo.

pessoas que deles participam, estudar como se caracteriza esta sua participação.

O que logo surpreende ao comparar as feiras do Brejo da Paraíba com as da Zona da Mata de Pernambuco, é que são excluídos dois grupos na feira: os pequenos produtores que vão à feira para vender a sua produção e os trabalhadores *alugados*. Enquanto em Pernambuco eram encontrados em certos setores da feira produtores que haviam levado a sua própria produção à feira para retalhar, nas feiras aqui estudadas, havia intermediários. Os diferentes setores são portanto constituídos por um número constante de pessoas, talvez à exceção do setor das frutas. Também não se observa *trabalhadores da rua* a não ser no *chapeado* (trabalho de transporte de carga dentro da feira pago por volume transportado). Se por acaso se encontram alguns *trabalhadores da rua*, eles estão situados no setor da feira visto como menos importante, o *mangaio*. [11] Uma hipótese para explicar essa ausência, já que em Pernambuco se encontrava em escala razoável trabalhadores alugados na feira, é que a expulsão dos trabalhadores das grandes plantações da Paraíba não se seguiu de um aumento de salário (momentâneo) como aconteceu em Pernambuco. Esse aumento de salário teria permitido aos trabalhadores expulsos adquirir o capital necessário ao início do negócio, ao mesmo tempo que a demanda criada por essa expulsão poderia ser satisfeita por esse aumento de salário. No caso de Paraíba, as pessoas expropriadas não se beneficiaram de um salário melhor do que o recebido no tempo que moravam nos engenhos e tiveram de adquirir através de troca mercantil tudo de que se beneficiavam normalmente no *engenho*, ou seja, farinha, milho, feijão, lenha, rapadura (na época da moagem). Esse grupo excluído da feira enquanto vendedor é também em parte excluído enquanto comprador, ficando muitas vezes endividado e obrigado a comprar *fiado* nos *barracões* e *vendas*. No entanto é de se notar que o papel do *barracão* parece ser diferente na Paraíba. Muitos senhores de *engenho* resolveram acabar com *barracão*, e mesmo o *usineiro* acabou com o *barracão* e criou uma feira na *usina*. Os meeiros mais fracos ligados às fazendas de algodão, são provavelmente comprometidos com *vendas* ou *bodegas* às quais eles entregam o algodão na época da colheita, recebendo o *fornecimento* (abastecimento a crédito) durante a entressafra.

A única alternativa para esse grupo se tornou a ida para o *sul* (São Paulo, Rio de Janeiro), para se empregar na construção civil

11 Entende-se aqui por circuito de feiras o conjunto de feiras percorridas regularmente numa semana por grupos de vendedores.

na maioria dos casos. Essa ida ao *sul* pode ser definitiva ou temporária e pode ser provocada pelos mais diferentes motivos, como, por exemplo, por falta de trabalho, quer para adquirir um bem determinado, quer para fazer casa para casar-se ou comprar terra.

Entretanto, o campesinato estabelecido, tanto o que é proprietário da terra ou o que tem apenas a posse (arrendatário ou *meeiro* caso mais frequente na área), sempre participa da feira. Essa participação se dá de uma maneira regular, numa atividade de compra e venda conhecida como *negócio*. Ao *negócio* todo agricultor dedica entre dois a quatro dias por semana, percorrendo uma ou várias feiras. A venda da produção do agricultor pode ser realizada por ele mesmo quando ele *negocia* com o produto que colheu (por exemplo um vendedor de feijão que venda a sua produção), mas essa venda é uma parte pequena do volume das suas transações. Essa complementariedade entre o *negócio* e a agricultura parece ser fundamental para o grupo estudado. As formulações ressaltam-na de maneira recorrente: "De negócio só não dá, de agricultura só não dá". Da mesma maneira que a criação de gado é um elemento fundamental da economia camponesa, tendo função de reserva ou acumulação, o *negócio* parece se embricar dentro da economia propriamente agrícola. O *negócio* supriria a falta de renda regular da agricultura. Os produtos são em geral colhidos duas vezes por ano. Seja a colheita vendida, portanto transformada em dinheiro, ou conservada para ser auto-consumida, a quantia obtida deve ser repartida no tempo para enfrentar a entressafra. É de se notar que o próprio plantio é feito de modo a superar essas limitações: são plantados vários produtos que safrejam em épocas diversas, tais como o milho, feijão, algodão. O único produto que não tem tempo certo de colheita é a mandioca. Depois de algum tempo de plantada, dependendo da qualidade da terra e do clima, a mandioca pode ser arrancada, ou permanecendo na terra continuar a crescer normalmente ou pelo menos se conservar. É possível portanto se contar com esse produto nas horas quando não há outra colheita.

Essa limitação da periodicidade da produção camponesa fica evidenciada pelo contraste que os camponeses fazem a propósito da banana: a banana é um produto pouco valorizado, no entanto apreciado justamente porque de mês em mês pode se tirar um cento de bananas e portanto obter um dinheiro líquido.

Uma outra vantagem do *negócio* é apontada na hora do plantio. O plantio é uma atividade que não pode ser inteiramente feita pela força de trabalho feminino. Por exemplo, *cavar o leirão* é uma tarefa

exclusivamente masculina[12]. Muitas vezes tem-se que recorrer a trabalhadores de fora da unidade familiar, quando não se tem filho em idade de traalhar, ou quando os filhos foram se empregar no *sul*. Quem *negocia* portanto manipula uma certa liquidez e pode se valer desta para contratar trabalhadores *alugados* para proceder ao plantio. Quem não negocia terá que trabalhar sozinho, portanto mais devagar, se arriscando assim a plantar fora da época adequada. A mesma coisa acontece em relação à compra de adubo de gado e de agave. O *negócio* parece portanto fornecer a liquidez necessária à agricultura. Podemos nos perguntar a partir de que tamanho de propriedade essa complementariedade desaparece ou pelo menos pode ser suprida de outra forma. Esse conjunto de hipóteses terá que ser verificado.

Se todo *agricultor* participa da feira negociando, essa participação não é homogênea. Aliás a própria feira não é um espaço homogêneo. Outros estudos anteriores sobre feira (Palmeira, 1971 b, Garcia, 1977) mostraram como a feira era dividida em setores, os quais muitas vezes correspondiam a um gênero de produto (por exemplo a feira da farinha, a feira da fruta). A nossa observação mostrou como essa divisão por produtos reflete uma diferenciação dos grupos sociais em jogo, a qual obedece à liquidez disponível para o negócio, ao sexo do vendedor, ao ciclo de vida do vendedor. Essa participação diferencial nos diferentes setores se reflete também ao nível do circuito de feira. Quanto menor a liquidez disponível, menor será o número de feiras percorridas.

Os principais setores da feira são os seguintes: o setor da farinha que é chamado de *feira da farinha*, onde geralmente se encontra também a rapadura, o setor do feijão e o setor da fruta que também recebem o nome de feira. Existem também o setor da carne (carne de sol, carne verde, carne de sal), os bancos de *miúdos* (intestinos e peles do boi), de peixe (peixe salgado), os bancos de *miudezas* (que incluem objetos de armarinho, tecidos e confecções), o *calçado* (conjunto de bancos vendendo sapatos), os bancos de fumo e os *bancos de café*. Ao lado desses setores numericamente mais importantes existe um conjunto de vendedores que não constituem propriamente setores e que são num certo sentido marginais à feira, tais como os vendedores de remédio, os *propagandistas*, vendedores de picolés,

12 A categoria *mangaio* nesse contexto recobre produtos tais como as frutas, as *verduras*, objetos de artesanato e raízes.

geladeira (vendedor de refrigerantes), *confeitos* (balas), brinquedos de madeira, cantores[13].

No setor do *mangaio*, que por si só designa um *negócio fraco*, ou seja que envolve pouco capital, se encontram os grupos mais desfavorecidos. *Mangaio*, quando não está referido a objetos de artesanato, designa as frutas e as *verduras* (que compreendem alface, coentro, tomate, abóbora, pimentão e batata), ou seja um *negócio fraco* por oposição ao *negócio* necessitando mais capital tal como o feijão, a farinha ou as *estivas*. Nesse setor se encontram os trabalhadores alugados quando conseguem penetrar na feira, as mulheres viúvas, abandonadas pelo marido ou que este estando incapacitado para o trabalho. Dentro do *mangaio*, as mulheres predominam na *verdura*; o que não é estranho quando se sabe que o cultivo da *verdura*, quando não é em grande quantidade, é essencialmente uma tarefa feminina. A venda de *verduras* na feira é portanto a continuação de uma divisão social do trabalho da unidade familiar na feira, ou seja a atividade de vender verdura é a mais feminina das atividades masculinas. Aí também se encontram as pessoas tendo a posse ou a propriedade da terra em situação precária, ou pessoas no começo da vida ativa (é muito grande a recorrência da trajetória seguinte: antes do casamento, setor do *mangaio*, passando ao setor do feijão ou farinha, e se possível à *estiva* depois do casamento).

No setor do feijão, farinha ou *estivas*, se encontra o grupo mais privilegiado, isto é os *agricultores* que possuem a terra. Alguns não possuem terra atualmente, nem a cultivam, mas tiveram acesso a ela no momento fundamental da sua vida. O mesmo ocorrendo no setor da farinha.

A grande maioria dos vendedores são homens encontrando-se no entanto uma certa proporção de mulheres, dependendo dos setores. O fato da mulher aparecer na feira para vender é geralmente revelador da ausência do marido ou da incapacidade de trabalhar, ou ainda da sua situação precária. A maioria das mulheres que se encontram na feira são mulheres viúvas ou abandonadas, para quem a feira se apresenta como a única alternativa para obter uma renda anteriormente providenciada pelo marido. Constata-se uma ausência de moças solteiras em idade de casar exercendo uma atividade independente na feira. Só são encontradas meninas ajudando a mãe na sua atividade de venda. No entanto certos settores são exclusivamente ocupados por mulheres, como os *bancos de café*. Os *bancos de café* são

13 Para divisão do trabalho familiar ver Garcia Jr., 1975.

lugares onde se consome café, pão, bolo, as vezes cachaça e *comida de panela* (refeição composta de feijão, arroz, farinha e carne). São frequentadas pelos vendedores e também pelos compradores. Essa exclusividade da mulher parece se ligar à divisão do trabalho dentro da unidade familiar (Garcia Jr. e Heredia, 1971) no qual o homem se dedica à produção no *roçado* e a mulher contribui mais diretamente para a reprodução através da atividade de preparo dos alimentos. Essa divisão do trabalho se sobrepõe portanto ao caráter masculino da feira, já que em nenhum momento aparecem homens tomando conta dos *bancos de café*.

Outros setores são ocupados em sua maioria por garotos, tais quais o tempero e as balas (*confeitos*). Os temperos são vendidos por garotos que andam pela feira carregando uma caixa sortida de pimenta, coloral, cuminho. As vezes os garotos andam também pelo meio da feira vendendo saquinhos de batata ou tomate, atendendo assim geralmente à demanda de vendededores que não podem andar pelos setores para fazer as suas compras porque estão ocupados em vender no seu lugar ou *ponto*. Os *confeitos* são vendidos por eles, expostos numa espécie de carrinho de madeira cheio de compartimentos. Provavelmente se trata de sua primeira experiência com o *negócio*, na qual dão conta não só da atividade de retalho como a de compra.

As crianças, pelo menos os meninos, são socializadas desde cedo no *negócio*. É comum o pai levar a feira o filho que tenha atingido a idade de 10 anos e ensinar-lhe a vender, atender ao cliente, manipular dinheiro e pesos, e atender aos pedintes[14]. Os meninos primeiro aprendem a vender e só mais tarde são integrados na atividade de compra. Essa participação dos menores no *negócio* não só é útil para eles como também ao pai. No *negócio*, como nas atividades do *roçado*, é necessária a ajuda da família, que, se não existe, deverá ser substituída por uma mão de obra externa. Dado o tempo que demora a venda na feira e o tipo de atividade realizada pelo vendedor, ele deverá ter uma outra pessoa para o substituir ou ajudar em certas horas. O vendedor tem necessidade de se ausentar para fazer uma refeição, para realizar a *feira* de casa (abastecimento da

14 Ainda se encontram na feira: louça (panelas de barro), carvão, fibra (de agave), bijuteria, amendoim, rede, porcos (porquinhos vivos para criar), sacos, óleo de cabelo; essa classificação por setores nos foi revelada pelos informantes diretamente e confirmada também pela nomenclatura dos tal es de feira examinados quando do levantamento estatístico sobre a feira de Remigio.

casa para semana), ou mesmo realizar transações (veremos depois como a atividade de retalho é as vezes simultânea à atividade de compra e venda em grosso). Por isso a presença de um filho é importante para liberar o pai. É interessante notar que mesmo quando o pai tem vários filhos em idade de lhe ajudar, é sempre o mesmo filho que o acompanha de tal maneira que há condições para que receba uma aprendizagem sistemática.

As observações das feiras indicam que, via de regra, os irmãos já casados, portanto chefes de família, *negociam* com produtos idênticos. É possível supor que isso permita fazer frente a feiras concorrenciais: por exemplo um pai e os filhos negociam com *miudeza*. No domingo existem duas feiras consideradas boas para esse setor, a de Remigio e de Solanea. Um dos filhos portanto se desloca até Solanea. O pai e o outro filho ficam em Remigio (lugar de origem) e negociam com três bancos, sendo que o banco do filho ausente é ocupado por um empregado, devidamente vigiado e ajudado pelos membros da família. Além disto, a presença de dois irmãos permite a um proceder a venda ou compra em grosso, enquanto o segundo toma conta dos sacos de retalhos de cada um. Provavelmente deve existir ainda outro tipo de ajuda entre irmãos, sendo que o tipo de ajuda apresentado anteriormente pode muito bem ser realizado entre o pai e o filho, e no caso haveria a colaboração de duas pessoas adultas, com um *ponto* cada uma.

Os vendedores de cada setor não se inserem da mesma maneira no circuito de feira identificado, e cada feira do circuito adquire, segundo o setor, um significado diferente. Quanto menor o capital empregado, quanto menor o número de feiras percorridas. "A feira do pobre é uma só". Isso se aplica mais no setor do *mangaio*, da fruta e de *confeitos*, se bem que em cada setor existam variações: por exemplo, certos vendedores de *mangaio* especializados em produtos de couro, dispõem de um capital superior e devem percorrer várias feiras.

Os vendedores de feijão fazem em geral duas feiras, a de Areia e de Remigio (e são originários de um desses dois municípios, sendo que a de Areia é somente para retalhar o produto). É considerada boa de *apurado* a feira de Areia porque se retalha uma grande quantidade de produtos. A feira de Remigio no entanto, é uma feira onde se retalha ao mesmo tempo que se procede à venda e à compra em grosso. A tipologia estabelecida por Forman não se aplica mecanicamente uma vez que numa feira de consumo, constata-se muitas vezes a presença de um setor que pode ser considerado como feira

de distribuição[15], feira essa que se desenrola simultaneamente à de consumo. Por ter transações em grosso, as pessoas se referem a essa feira como *feirão*, por oposição à feira de consumo, que por maior que seja o volume de transações fica com o nome de *feirinha*.

Os vendedores que vendem produtos perecíveis (fruta, *verdura*, carne, como também o gado) percorrem em geral as feiras de Areia (ou de Remigio respectivamente) no sábado e no domingo. Muitos dos produtos em Remigio são sobras de Areia. E na segunda-feira se sobrarem ainda produtos (*boiou*) as pessoas os levam para escoá-los em Arara. Essa feira de Arara, por sua vez, é conhecida como sendo a feira de sobras, mas ao mesmo tempo um *feirão* de *agricultores*. Arara é uma feira imensa cobrindo praticamente toda a cidade. Ali se vendem grandes quantidades de feijão e sobretudo cebola. À diferença de outras feiras que têm um papel semelhante, a feira de Arara é dominada por produtores e não por donos de armazéns. O número de rurais e caminhões é tão grande que é difícil estacionar nas primeiras horas da feira.

Os vendedores de *miudeza* (tecidos e confecções) como também de calçados além das feiras de Areia, de Remigio e de Arara, fazem

Circuito de Feira

15 Shepard Forman define as feiras de distribuição como "key links in the distribution network since products are collected from different ecological zones and redistributed for sale in rural peasant market places and in urban consumers fairs. The principal distinguishing characteristic of distribution fairs is the buying and selling of goods in bulk for further distribution by wholesalers" (Forman, 1975: 102).

também a de Pocinhos[16] e de Barra de Santa Rosa, feiras essas situadas nas regiões secas do Cariri e do Curimataú.

É evidente que os circuitos imbricados uns aos outros e por exemplo, Barra de Santa Rosa e Pocinhos devem ser ligados a outros circuitos em relação ao feijão, à farinha e à *verdura* (essas feiras ainda não foram observadas). Foi identificado outro circuito de feiras percorrido por grossistas que se definem como *negociantes ambulantes* por oposição aos donos de armazéns. Este circuito cobre a feira de Campina Grande, de Arara, de Guarabira, e eventualmente Solanea e Barra de Santa Rosa. Esses grossistas, à diferença dos grupos até então encontrados na Paraíba, nunca operam na sua cidade de origem.

Tendo um circuito de feira para vender, é comum os *agricultores* terem também um circuito de feira para comprar e para *olhar*. Por exemplo *fazem a feira* da casa em Areia (tudo é mais fresco) e vão *olhar* a feira de Remigio ou de Arara. Para se entender esse ponto, deve se considerar que ir à feira está longe de representar somente o abastecimento de casa. Ir a feira é também a ocasião de ver os preços, de encontrar-se com outras pessoas para um *negócio* potencial, quer este se realize dentro ou fora da feira, como por exemplo a compra de gado. Também é uma oportunidade para ir à missa ou ao Sindicato, para visitar a família que mora na *rua*, ou para fazer um pedido de semente a um compadre ou a um amigo. A feira tendo uma periodicidade regular permite o encontro de pessoas normalmente dispersas. É muito significativo que as pessoas querendo encontrar os pesquisadores marcassem na feira que seria o ponto de encontro "natural", e que delegados de Polícia fossem à feira procurar as testemunhas para processo, em andamento. Por isso mesmo a feira dá à sociedade camponesa uma imagem de si própria (Piault, 1971). É fácil, andando na feira, entender o que se passa no campo. Por exemplo, no tempo da seca o número de pedintes [17] é muito

16 Essa feira passou recentemente a ser sábado porque existe um projeto governamental para concentrar todas as feiras no sábado a fim de economizar gasolina. Essa mudança, se fosse aceita por todas as Prefeituras, teria evidentemente uma repercussão negativa sobre a economia camponesa, particularmente sobre os camponeses mais estabelecidos, favorecendo os donos de armazéns.

17 Numerosos pedintes vão de bancos em bancos pedir esmola que se dá em produto normalmente vendido pelo vendedor. Pedir esmola é uma prática reconhecida e é raro um vendedor recusar-se a dar alguma coisa. No entanto, é corrente o pedinte recusar esmola se achar ruim. Dizem as pessoas na feira que antes de haver aposentadoria para os velhos o número de pedintes era muito maior.

superior ao de outras épocas do ano. Observamos que no dia posterior à festa de São José, que marca o início do plantio, o ambiente era de brigga e havia vários bêbados. Dizem os camponeses que se chover no dia de São José, vai haver *inverno* (ou seja, chuva) e portanto milho para comer no dia de São João. Nesse dia de São José não choveu, e as pessoas estavam temendo uma grande seca, daí a tensão se refletindo na feira.

A participação na feira tem várias facetas que variam de acordo com os diferentes grupos sociais. A feira pode significar simplesmente o abastecimento semanal da casa, ou o escoamento do produto do pequeno produtor, ou ainda sendo uma atividade de compra e venda, ser uma fonte de renda regular e portanto uma alternativa para um grupo determinado à venda da sua força de trabalho. E, não menos importante, a feira se apresenta como uma reunião social de periodicidade regular e de grande frequência articulando grupos sociais normalmente isolados.

RESUMÉ:

Le présent article traite des places de marchés située dans la région du Brejo de la Paraíba et de leur importance du point de vue de la reproduction économique et sociale de la population paysanne. Les paysans qui ont accés au marché, y commercialisent leur production et le plus souvent agissent aussi comme des petits intermediaires. Ils evitent ainsi une prolétarisation qui serait inévitable étant donné l'expansion des grandes proprietés qui font de l'élevage.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.A., 1976 — *Memórias*, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro.

ALLMEIDA, H., 1957 — *Brejo de Areia*. Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro.

DU GENESTOUX, P.C., 1967 — *Le Nord-est du sucre*. Université de Paris, thèse de 3éme Cycle, Paris:

FORMAN, S. & RIEGELHAUPT, J.F., 1975 — *The Brazilian Peasantry*. New York & London, Columbia University Press, EUA.

GARCIA JR., A. & HEREDIA, B.A., 1971 — *Trabalho Familiar e Campesinato. América Latina*, Jan/julho

GARCIA Jr., A.R., 1975 — *Terra de Trabalho*: trabalho familiar de pequenos produtores. Museu Nacional, mimeo (dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Rio de Janeiro.

GARCIA, M.F., 1977 — *O Bacurau*: étude de cas d'un marché situé dans une usina du Nord-Est du Brésil. Museu Nacional, mimeo (dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Rio de Janeiro.

MINTZ, S., 1959 — Internal market systems as mechanisms of social articulation. In: *Intermediate Societies, Social Mobility and Comunications*, Ray (ed.), Proceedings of the Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society, University of Washington Press, EUA.

PALMEIRA, M.G.S., 1971a — *Latifundium et Capitalisme au Brésil*: lecture *critique* d'un débat. Université de Paris, mimeo. Thése de 3éme cycle, Paris.

———, 1971b — *"Feira e Mudança Econômica"*. Simpósio de Pesquisas, Museu Nacional/Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, mimeo, Rio de Janeiro.

PIAULT, M., 1971 — Cycles de marchés et espaces socio-politiques. In: *The Development of indigenous trade and markets in West-Africa*. Ed. by Claude Meillassoux, Oxford University Press,

POLANYI, K., 1957 — The economy as an Institued Process. In: *Trade and Market in ket in the early Empires*. Free Press, New York.

SIGAUD, L.M., 1971 — *A Nação dos Homens*, uma análise regional de ideologia. Museu Nacional, mimeo (dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Rio de Janeiro.

WOLF, E. & MINTZ, S., 1957 — Haciendas and Plantations in Middle America and the Antilles. *Social and Economic Studies*, VI (3).

Produção Gráfica: Sandra Siqueira — Tel.: 225-7145

Composto e impresso na INGRAF — Indústrias Gráficas Ltda.